

VIVÊNCIA/PEREJIVÂNIE: COMPREENSÕES DO CONCEITO E ARTICULAÇÕES NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Fernanda Meneghel Cadore ¹

Cláudia Alquati Bisol ²

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões teóricas a partir das contribuições do autor proponente da Psicologia histórico-cultural, Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), em torno da unidade de análise Vivência e suas articulações na presente teoria. Esta pesquisa tem como objetivo conceitualizar a vivência a partir da teoria de Vigotski e relacionar à escolarização de adolescentes autistas. A partir deste conceito central do que é vivência para Vigotski, iniciamos a tentativa de trazer uma compreensão ampliada do tema, principalmente relacionado ao autismo, que à época da teoria não foi citado, mas que atualmente nos permite essa aproximação devido a obra do autor ser tão atual em nosso cotidiano. Encontramos profunda relação com os estudos da defectologia do autor, sendo possível correlacionar tais temáticas. Atualmente, temos acesso a alguns entendimentos, relacionando a teoria histórico-cultural ao autismo, promovidos por estudiosos que o sucederam, que vamos tecer aqui. O presente estudo foi conduzido a partir de pesquisa bibliográfica. Neste sentido, buscou-se o seguimento do aporte teórico de Vigotski, enquanto análise das vivências de adolescentes autistas na relação com sua escolarização e concepções de mundo, considerando-se as condições históricas do autismo, promovendo reflexões acerca da vivência pessoal e escolar, bem como do desenvolvimento destes jovens e sua relação com o mundo. Percebe-se a partir dos estudos desenvolvidos o quanto sua teoria datada de aproximadamente um século atrás se torna atual, nos quesitos que compreendem o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Vivência, Adolescentes autistas, Histórico-cultural.

INTRODUÇÃO

Neste estudo³ buscamos conceitualizar vivência a partir da teoria de Vigotski (1999), autor proponente da teoria histórico-cultural e relacionar à escolarização de adolescentes autistas. Esse conceito, de acordo com a literatura, foi uma de suas últimas obras. É a partir dos anos 1930, em seus últimos anos de vida, que Vigotski apresentou *perejivânie* (vivência) como um conceito articulado à teoria histórico-cultural. Esta seção apresenta reflexões teóricas a partir das contribuições de Vigotski (1999), em torno da unidade de análise *vivência* e suas articulações na teoria histórico-cultural.

¹ Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul - RS, fmeneghe@ucs.br;

² Professora do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – RS, cbisol@ucs.br.

³ Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa de doutorado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Iniciamos a tentativa de trazer uma compreensão ampliada do tema, principalmente relacionado ao autismo, que à época da teoria não foi citado, mas que atualmente nos permite essa aproximação devido a obra do autor ser tão atual em nosso cotidiano. Estudiosa na temática, Toassa (2011) ressalta que o conceito de vivência não teve o tempo necessário para ser trabalhado por Vigotski devido à morte prematura do autor, em 1934, aos 38 anos. No entanto, temos acesso a alguns entendimentos promovidos por estudiosos que o sucederam, que vamos tecer aqui.

METODOLOGIA

Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa de doutorado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), na perspectiva da educação inclusiva, sobre o tema vivências de escolarização e inclusão de alunos autistas. Este estudo traz uma revisão da literatura de artigos e estudos sobre a temática citada. Este tipo de pesquisa, conforme Lakatos e Marconi (2010), é definido como todo material escrito, filmado ou gravado que já se tornou público, relacionado ao tema de estudo. Desta forma, de posse destes materiais, o pesquisador pode chegar à outra definição do que já fora estudado sobre o tema, propiciando nova abordagem acerca do objeto de estudo. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada pesquisa na base de dados disponíveis on line SciELO. Como estratégia de busca foram definidos os descritores: vivência; adolescentes autistas; histórico-cultural. Esta sistematização inicial auxilia na compreensão do panorama das produções sobre o tema e consequentes reflexões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivência, no legado de Vigotski, atravessa seus escritos enquanto relação do sujeito com o mundo desde o nascimento, do papel do meio social no desenvolvimento, dos acontecimentos externos ou circunstâncias que o envolveram ao longo dos diferentes períodos e situações de vida. É a internalização das relações sociais articuladas de motivações que impulsionam ou imobilizam o sujeito na apropriação das práticas e sua imersão no mundo. Assim, na perspectiva histórico-cultural, a vivência, em seus textos

pedológicos, é uma unidade sistêmica da consciência/personalidade na relação com o meio, é uma fonte de informações sobre a constituição do sujeito (BITTENCOURT, 2018).

A pedologia investiga o papel, o significado, a participação e influência do meio no desenvolvimento do sujeito, através do estudo sistemático da sua vida buscando “encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança, isto é, de que forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento” (VIGOTSKI, 1934/2010, p. 686). Assim, para o referido autor, esse é o prisma que configura o papel e a influência do meio no desenvolvimento da personalidade do sujeito.

De acordo com Veresov (2014), há consenso quanto à relevância do conceito de vivência na perspectiva histórico-cultural. O autor considera o conceito como um dos menos explorados pela literatura contemporânea dedicada a Vigotski, embora esse cenário esteja em curso de mudança, dada sua utilização mais frequente e crescentes estudos nos últimos anos por pesquisadores de todo o mundo.

Veresov (2014) traz uma importante contribuição à discussão sobre o conceito de vivência na teoria histórico-cultural. O professor russo, primeiramente esclarece que é necessário cuidado ao ler os escritos de Vigotski quando este fala sobre vivência, pois em alguns momentos ele está trazendo a noção de fenômeno psicológico, mas em outros está falando de um conceito desenvolvido por ele para entender o próprio desenvolvimento do sujeito, e como todo conceito, seria uma abstração teórica.

O autor esclarece que a vivência pode ser vista como um prisma que refrata tudo o que acontece com o sujeito. Refrata e não reflete, uma vez que a refração transforma o estímulo recebido em algo novo. Entendendo a vivência a partir dessa metáfora do prisma, podemos entender o papel ativo e transformador que o sujeito assume no interior de suas relações sociais.

Assim, sujeitos diferentes apresentam reações e interpretações distintas aos mesmos estímulos. Vigotski (2010), ao discorrer sobre um caso clínico em que estava trabalhando, no qual três crianças recebiam maus tratos de sua mãe que sofria com alcoolismo e outros problemas psicopatológicos, destacou justamente esse aspecto importante a respeito da vivência como fenômeno psicológico particular:

“O que determina o modo como as mesmas circunstâncias de um meio exercem três influências diferentes em três crianças diferentes? Isso se explica porque a relação de cada uma delas para com os acontecimentos é diferente.

Ou também poderíamos dizer que cada uma dessas crianças vivenciou essa situação de maneiras diferentes. Uma a vivenciou como um terror inconcebível e incompreensível, que a levou a uma condição de incapacidade. A outra a vivenciou de maneira concebível, como o choque entre apego intenso e sentimentos intensos de medo, ódio e hostilidade. E a terceira a vivenciou, até determinado ponto, assim como um garoto de dez ou onze anos pode vivenciá-la – como um infortúnio que recaiu sobre a família e que exige dele colocar tudo de lado para, de alguma forma, tentar minimizar esse infortúnio, ajudando a mãe doente e as crianças. Dessa forma, a situação acaba sendo distinta de acordo com aquilo que três diferentes vivências das mesmas condições suscitaram nas três crianças e ainda de acordo com a influência que tal situação exerceu em seu desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2010, p. 685-686).

Podemos, então, compreender que a visão única de desenvolvimento apresentada pela teoria histórico-cultural é perpassada pela noção de vivência como sendo esse fenômeno psicológico que sintetiza a relação entre sujeito e meio social, por isso ela é única e, também por isso, seu estudo nos permite compreender os vários aspectos que permeiam os dois universos, tanto o externo, quanto o interno, o objetivo e o subjetivo. Ao analisar a vivência como unidade de análise entre a personalidade e o meio social, podemos renunciar a uma visão dualista e compreender os fenômenos psíquicos de maneira mais dialética. Esta noção é sintetizada no seguinte trecho de Vigotski (2010, p. 686) sobre o entendimento da vivência como uma unidade de análise:

“A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência”.

Para estudar o desenvolvimento cultural da criança, Vigotski adota o método de estudo da unidade do desenvolvimento. O método de estudo da unidade se expressa pela decomposição dos processos de desenvolvimento em unidades mínimas de análise que conservam as características fundamentais do todo que representam. Por exemplo, quando se examina a fórmula da água (H₂O), entende-se que essa combinação de elementos é a menor unidade possível que representa a substância água; se se toma apenas o hidrogênio ou o oxigênio, não se está analisando a substância água (PRESTES E TUNES, 2012).

Vigotski adota o conceito de vivência como a unidade mínima de análise da relação entre a personalidade e o meio no desenvolvimento cultural da criança. Isso significa dizer que não é possível estudar a personalidade da criança de maneira isolada, tampouco é possível analisar o meio em que ela vive de maneira independente. Quando se estuda a vivência, procura-se conhecer a maneira pela qual a criança, de modo estritamente particular, toma consciência, atribui sentido e se relaciona com um determinado acontecimento externo (VIGOTSKI, 2010; PRESTES E TUNES, 2012).

Para melhor compreensão do termo “vivência”, é importante conhecer a etimologia da palavra. A palavra *vivência*, segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 2874), tem a seguinte definição: “Coisa que se experimentou vivendo, vivenciando; conhecimento adquirido no processo de viver ou vivenciar uma situação ou de realizar alguma coisa; experiência, prática”.

No mesmo dicionário, encontramos a definição da palavra *vivenciar* definida como “viver uma dada situação, deixando-se afetar profundamente por ela” (HOUAISS, 2001, p. 2875). Podemos pensar que é nesse último sentido que entende-se que Vigotski empregou a palavra *pereživânie*.

Na literatura, encontramos a palavra *pereživânie* (vivência) com uma variedade de significados e contextos de uso, além das questões de tradução, que se tornam um desafio, aliado ao fato de vivência, enquanto conceito articulado à teoria histórico-cultural ser uma construção não acabada e pouco desenvolvida, devido à morte precoce do autor e a dificuldade na tradução de seus escritos. Neste sentido, é compreensível que falte clareza quanto à definição e utilização do termo nas produções que o utilizam. Essa imprecisão apresenta tanto potencialidades quanto desafios e cuidados com sua utilização (TOASSA, 2011). O termo russo *pereživânie* é um substantivo formado pelo prefixo *pere-* (através) e o verbo *-jit* (viver), o que etimologicamente significa *viver através de*, ou seja, da experiência concreta, seja ela real ou imaginária (PINO, 2010).

Como mencionado anteriormente, Vigotski não desenvolveu completamente o conceito, por isso ele é abordado de diferentes formas e com imensa diversidade de sentidos em sua obra. As traduções também implicam dificuldades e perdas do termo russo. Em português e mesmo não expressando toda a sua amplitude, segundo Toassa e Souza (2010), seria *pereživânie* – substantivo de gênero neutro, um estado de espírito e expressão da existência de um sentimento vivido, uma impressão experimentada. De acordo com as autoras, como sua etimologia está relacionada à vida, para o português, *vivência* e não *experiência*, é a tradução que mais se aproxima, embora envolva uma

intensidade emocional que lhe é indissociável. “*Pereživânie* e *emotsia/tchuvstvo/affekt* (emoção/sentimento/afeto) são termos próximos do início ao fim da obra vigotskiana” (TOASSA; SOUZA, 2010, p.760).

Este conceito, assim como os demais da teoria histórico-cultural, são temáticas atuais, apesar dos escritos datarem dos anos 1930, pois postula e é construída na interdisciplinaridade. No sistema psicológico que Vigotski esboçou, inter cruzam-se de modo que não se pode dissociar da literatura, a estética e pensadores de diferentes perspectivas epistemológicas. O autor encontrou no diálogo interdisciplinar com a filosofia, a linguística, a biologia e a literatura, além das diferentes teorias psicológicas, o horizonte para superar a cisão homem-sociedade, mente e corpo, consciência e afeto (MOLON, 2022).

Nos últimos anos é crescente a publicação de livros sobre Vigotski e traduções de sua obra, em língua inglesa, espanhola e portuguesa, revelando progressivo interesse pelas ideias desse grande pensador russo. A principal hipótese para tal, de acordo com Molon (2022), é de que as teses vigotskianas vêm ao encontro ao anseio atual das ciências humanas de superar as concepções cindidoras do homem (mente e corpo, objetividade e subjetividade) e hifenizadoras da sua relação com a sociedade, predominante no corpo teórico-metodológico. Suas reflexões sobre as funções psicológicas inserem, definitivamente, a sociedade no homem, o biológico no psicológico e vice-versa, rompendo com concepções biologicistas, solipsistas, em que a concepção filosófica de que o mundo e o conhecimento estão submetidos estritamente à consciência do sujeito ou deterministas de desenvolvimento humano, de processos de aprendizagem e desenvolvimento da consciência.

O conceito de *pereživânie* (vivência) no legado de Vigotski é objeto de escassa produção bibliográfica no Brasil, problema que é atribuído à pouca difusão dos textos pedológicos e de crítica de arte do autor. A carência de traduções do próprio Vigotski é um sério problema. Com isso, longe de superar as dificuldades que cercam os textos do autor, trabalha-se no seu espólio, como herança ainda em estado bruto, nele enxergando, mais que uma unidade estática donde a verdade emana, um todo que estamos, ainda, a inventariar, polir e usufruir. Essa condição é similar ao próprio conceito de vivência, palavra imperfectiva na qual se expressam mutantes relações dos processos psíquicos individuais e do meio social do qual eles constituem uma parte (PRESTES, 2010).

Para Prestes (2010) um ponto a destacar é a leitura que Leontiev (2007) fez do conceito de *pereživânie*. Ele leva a crer que o pensamento de Vigotski segue uma base

epistêmica interacionista. Para Leontiev, o ambiente social e as peculiaridades do sujeito entram em interação, mas mantêm uma relação de independência um com outro. Acredita-se que Vigotski não entendia *pereživânie* dessa forma, e o cerne da questão, para a compreensão desse conceito, passa pela tal relação, antes descrita, de independência entre ambiente social e particularidade do sujeito. “Unidade” é um dos conceitos-chave do pensamento de Vigotski. “Unidade” é um conceito que se relaciona diretamente com o de *pereživânie* e que nos ajudou a compreender uma certa contradição na crítica de Leontiev à Vigotski.

Por ser *pereživânie* um conceito muito importante, qualquer tradução deve levar em conta o significado atribuído a essa palavra. Nesse sentido, é inconcebível que a mesma tradução apresente o termo *pereživânie* ora como emoção, ora como vivência, ora como sentimento (PRESTES, 2010).

Dessa analogia, esboça-se o mecanismo dos processos psicológicos correspondentes à obra de arte, e ainda se estabelece que o caráter de símbolo ou imagem da palavra equipara-se à sua poeticidade e, deste modo, o fundamento da emoção artística passa a ser o caráter de imagem cuja natureza geral é constituída pelas propriedades comuns do processo intelectual e cognitivo (VIGOTSKI, 2001, p. 34).

De acordo com Prestes (2010), o conceito *pereživânie* é discutido por Leontiev no texto *Utchenie o srede v pedologuitcheskirh rabotarih L.S.Vigotskogo (Estudo sobre o meio nos trabalhos pedológicos de Vigotski)*. Segundo seu filho e seu neto, esse seria o único trabalho em que Leontiev apresenta uma crítica a Vigotski. No texto, Leontiev cita o trabalho de Vigotski *Osnovi pedologii (Fundamentos da pedagogia)* e transcreve um trecho em que é definido o conceito:

“*Pereživânie* de alguma situação ou de algum ambiente define qual será a influência dessa situação ou desse ambiente sobre a criança. Dessa forma, não é aquele ou outro momento, tomado independentemente da criança, mas é esse momento, radicalmente transformado pela *pereživânie* da criança, e que pode definir como esse momento irá influenciar a marcha do futuro desenvolvimento” (LEONTIEV, 2007, p. 251).

Com base nesse trecho, Leontiev diz que *pereživânie*, para Vigotski, é, conseqüentemente, aquilo em que se transforma radicalmente para a criança o ambiente que a cerca. Segundo Leontiev, é fácil compreender que qualquer objeto da situação apresenta-se de modo diferente para uma criança de um ano e outra de sete anos, mas isso é apenas uma descrição dos fatos, pois a questão crucial consiste em desvendar de que forma e o que realmente define uma ou outra *pereživânie* da criança numa dada situação.

Então, conclui Leontiev, a apresentação do conceito em si não resolve o problema, mas o faz retornar de novo com uma única diferença: o lugar que, antes, pertencia por completo à personalidade da criança, agora, está ocupado pela *perejivânie* como uma forma concreta de revelação dessa personalidade completa (PRESTES, 2010).

Neste sentido, pode-se dizer que a forma como o ambiente influencia a criança e a forma como influencia as especificidades da criança, por sua vez, é definida pela *perejivânie*. Porém, é uma solução fictícia do problema já que se encerra em um círculo lógico vicioso e nele podemos circular infinitamente, pois *perejivânie* não apresenta movimento próprio e, conseqüentemente, os dois aspectos surgem em relação a ela (*perejivânie*) como forças externas (LEONTIEV, 2007).

No trabalho denominado *Krizis semi liet (A crise dos sete anos)*, Vigotski discute o termo *perejivânie*. É importante salientar que esse termo está fortemente ligado também a outro conceito que é Situação Social de Desenvolvimento (SSD). Vigotski traz a diferença entre a percepção das vivências de um bebê e de uma criança de sete anos: existe uma enorme diferença entre sentir fome e saber que está com fome. O bebê não tem consciência de suas próprias vivências. Em uma criança de sete anos, surge a estrutura de vivências quando a criança começa a entender o que significa “estou feliz”, “estou triste”, ou seja, surge uma consciência de suas vivências. Assim como a criança de três anos descobre suas relações com as pessoas, da mesma forma uma criança de sete anos descobre, identifica suas vivências. Vigotski chama a atenção para a importância de estudar o ambiente da criança e a personalidade como uma unidade. Porém, conforme cita o autor, na realidade, as tentativas de estudar em unidade as especificidades da criança e do ambiente social de desenvolvimento separam-nos previamente para, posteriormente, uni-los (VIGOTSKI, 2004).

Para Prestes e Tunes (2012) essa ideia de unidade perpassa toda a obra de Vigotski e está intimamente relacionada ao seu método de análise. A mesma análise que ele apresenta para dizer que o pensamento e a fala formam uma unidade é utilizada por ele para dizer que as especificidades da criança e a situação social de desenvolvimento formam uma unidade. Desta forma, *perejivânie* é assim definido por Vigotski:

“*Perejivânie* para a criança é exatamente uma unidade simples, relativa à qual não se pode dizer que represente uma influência do ambiente sobre a criança ou uma especificidade da criança; *perejivânie* é exatamente a unidade da personalidade e do ambiente, assim como está representada no desenvolvimento. Por isso, no desenvolvimento, a unidade dos aspectos da personalidade realiza-se numa série de *perejivânie* da criança. *Perejivânie* deve ser entendida como uma relação interna da criança como pessoa com um ou outro aspecto da realidade” (VIGOTSKI, 2004, p. 188).

É no livro *Psicologia da arte*, escrito em 1925, que aparece, pela primeira vez, o termo *pereživânie* de Vigotski. As duas outras obras citadas (*Fundamentos da Pedologia* e *A crise dos sete anos*) pertencem à fase final da vida de Vigotski, 1929 e 1933, respectivamente. E é em *A crise dos sete anos* que ele desenvolve mais detalhadamente o conceito e o significado que atribui a ele, em função de sua maior preocupação relacionados aos problemas do desenvolvimento infantil (PRESTES, 2010).

A vivência tem papel decisivo na compreensão da totalidade na constituição do desenvolvimento humano, das causas que tensionam as características dos sujeitos, por isso é a unidade para o estudo da personalidade e do meio. Significa a própria existência do sujeito, de um cérebro ativo desde o seu nascimento, suscitado de impressões e sensações, significativo de relações do sujeito com a realidade social, de caráter interpretativo, existencial e pessoal. Ao pensar na vivência como unidade de estudo, visto que ela seria a tradução daquilo que o sujeito pensa, sente e mantém com o seu entorno, a vivência pode nos revelar o sujeito, sua personalidade, suas motivações, afetos e como tudo isto se manifesta no meio ou sob sua influência. Portanto, para Vigotski, o estudo das vivências não pode ser reduzido à investigação das condições externas do sujeito, tampouco pode ser focalizado de forma linear porque o desenvolvimento ocorre em etapas integradas, que incorporam as fases anteriores, a atual e a seguinte (VIGOTSKI, 2004).

No campo das vivências, a teoria baseada em Vigotski atravessa um duplo desafio: a compreensão dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos da obra do autor, e a abordagem de problemas contemporâneos que atravessam a pesquisa e as práticas profissionais. Neste sentido, cabe salientar as profundas diferenças de conjuntura entre nosso tempo e o de Vigotski. O autor vivenciou a Revolução Russa, em suas privações materiais, compensadas pela esperança na construção do socialismo. Em contrapartida, vivenciamos um contexto de desesperança política e luta contra um capacitismo estrutural. O autismo, sendo considerado uma deficiência, para fins legais, é carregado por múltiplas situações que o colocam em evidência no sentido que se tem muita caminhada a ser feita em prol da conquista de direitos básicos, sociais e na educação.

A teoria histórico-cultural possibilita compreender o ser humano de modo sistêmico, nas dimensões social, histórica, inter-relacional e pessoal, nas relações que estabelece em seu contexto cultural e na dinâmica dos diferentes espaços nos quais o sujeito se constitui como integrante. Essa abordagem considera de forma decisiva a

vivência do sujeito no meio social e cultural como fator indispensável para o seu desenvolvimento. O princípio que orienta esta abordagem é de que desde o nascimento, a partir das interações e mediações que recebe do meio em que vive, a criança vai se apropriando dos significados socialmente construídos e aprende a ser humana, desenvolvendo a capacidade de ordenar ações, regular a própria conduta de forma ativa e consciente e dar significado ao mundo que a rodeia. Isso não acontece naturalmente, pois o ser humano se constitui a partir do meio cultural em que nasce e vive (BITTENCOURT; FUMES, 2021).

Deste modo, Vigotski (2010) indicou o estudo das vivências, entendido como uma forma de verificação da relação interna de uma pessoa com a realidade, sendo uma unidade entre ambos e a tradução do que o sujeito pensa, sente e mantém com o seu meio. Por isso, não se pode reduzir à investigação das condições externas do sujeito e/ou focalizar de forma linear, porque o desenvolvimento ocorre em etapas integradas, as quais incorporam a anterior e a que virá. As vivências se reestruturam a partir de demandas do meio e das interações do sujeito; assim, quando este processo se modifica, as necessidades e motivações do sujeito também se transformam, pois têm relação com a sua situação social de desenvolvimento, como citado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, o que se vivencia se a vivência designa tanto a experiência do mundo externo vivido pelo sujeito, quanto seu mundo interno, passíveis de simbolização e tomada de consciência? Vigotski (1999) entende que todo o conteúdo vivenciado implica numa tonalidade afetiva e a vivência demanda a suspensão de qualquer julgamento imediato. Objetiva-se, contudo, nesta pesquisa conhecer a diversidade de vivências de escolarização de adolescentes autistas, ligadas à tomada de consciência de si mesmo como sujeito de aprendizagem, com vistas às expectativas de futuro.

Para Vigotski (1999), os acontecimentos da vida de um sujeito e suas concepções devem ser analisados em seus componentes, motivos, personagens, como também em suas características, situações, falas e a lógica da necessidade do desenrolar das ações, sendo preciso examinar essa inter-relação. As palavras ditas sobre si mesmo são profundamente importantes e significativas, bem como as demais pessoas que são representadas em suas vivências são indispensáveis de se examinar, a exemplo de pais e

professores, diretamente imbricados no objeto de estudo deste projeto, que é a escolarização de estudantes autistas.

As vivências guardam uma relação direta com o desenrolar das ações, explicam-nas e permitem estabelecer as semelhanças existentes entre elas. Podem imobilizar o sujeito, arrancá-lo do círculo da vida, dos assuntos de interesse, romper seus vínculos habituais que lhe são simbólicos. E a inadaptação do sujeito ao seu ambiente sociocultural também cria poderosos obstáculos no curso do seu desenvolvimento psíquico (VIGOTSKI, 1997).

Portanto, busca-se o seguimento desse aporte de Vigotski, enquanto análise das vivências de adolescentes autistas na relação com a escolaridade e concepções de mundo, considerando-se as condições históricas do autismo e do processo de escolarização da pessoa autista, as quais refletem em seu desenvolvimento e na sua relação com o mundo.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza. As vivências de pessoas adultas com Transtorno do Espectro Autista na relação com a escolaridade e concepções de mundo. Tese de Doutorado. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2018.

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. Vivências em Vygotski: contribuições teórico metodológicas para análise do contexto histórico-cultural nos estudos com sujeitos. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, SP, v. 31, n.64, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Editora Vozes, 5.ed, 2022.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vygotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia USP**, 21(4), p.741-756, 2010.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa. Traduções de Vygotski no Brasil: implicações para o campo educacional**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

PRESTES, Zoia Ribeiro; TUNES, Elizabeth. A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. **Estud. psicol.** Campinas, 29 (3), 2012.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas: Papirus, 2011.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 21, n.4, p. 757-779, 2010.

VERESOV, Nikolai. **Emotions, perezhivanie et développement culturel: le projet inachevé de Lev Vygotski**. In : MORO, C.; MIRZA, N. M. (Ed.) *Sémiotique, culture et développement psychologique*. Lausanne: Septentrion, p.209-237, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. ***El defecto y la compensación***. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, p. 41-58, 1997. Texto original de 1924.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.